

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ODONTOLOGIA / INSTITUTO DE PSICOLOGIA / INSTITUTO DE
LETRAS
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA
TRABALHO DE MONOGRAFIA II

CAROLINA DA SILVEIRA RITER

**O LUGAR DO FÔNICO NA FRONTEIRA ENTRE LÍNGUAS: CONTRIBUIÇÕES
LINGUÍSTICAS SOB UM VIÉS SAUSSURIANO**

Porto Alegre

2019

CAROLINA DA SILVEIRA RITER

**O LUGAR DO FÔNICO NA FRONTEIRA ENTRE LÍNGUAS: CONTRIBUIÇÕES
LINGUÍSTICAS SOB UM VIÉS SAUSSURIANO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de bacharel em Fonoaudiologia.

Orientadora: Profa. Dra. Luiza Ely Milano

Porto Alegre

2019

CAROLINA DA SILVEIRA RITER

**O LUGAR DO FÔNICO NA FRONTEIRA ENTRE LÍNGUAS: CONTRIBUIÇÕES
LINGUÍSTICAS SOB UM VIÉS SAUSSURIANO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado para obtenção do título em Bacharel em Fonoaudiologia no Curso de Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 09 de dezembro de 2019.

Prof. Dr. Adriane Teixeira
Coordenador da COMGRAD Fonoaudiologia

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Luiza Ely Milano
Orientadora - UFRGS

Prof. Dr. Jefferson Lopes Cardoso
Examinador – UFRGS

Ma. Aline Vargas Stawinski
Examinadora – UFRGS

AGRADECIMENTOS

À Luiza, que, desde cedo, fez meu olho brilhar e fez parte das descobertas e dos encontros nesse percurso. Muito obrigada por me ensinar tanto, por toda a parceria e por estar tão perto assim.

Ao “rastro do som” – Aline, Mélyny, Joana, Rosana, Bianca, Laura, Augusto, Elisa, Janaína, Victória e Silvani – pelas discussões e ensinamentos, pelo apoio e por serem companheiras incríveis em nossa trajetória de estudos e de vida. Vocês foram fundamentais em todo esse processo. Obrigada por me fazerem confiar.

Ao Jefferson, que foi escuta e conforto às minhas inquietudes. Obrigada por ouvir e por sempre entender.

À minha mãe, Elaine, ao meu pai, Caio, e à minha irmã, Helena, por todo apoio e por despertarem em mim, desde sempre, o amor pela palavra. Só sou por que vocês são. Obrigada por tudo – e mais.

Ao Kainan, que fez parte do surgimento desse trabalho e que, de um jeito ou de outro, se faz presente na minha descoberta como fonoaudióloga – e, cada vez mais, na minha descoberta como *eu*.

Às amigas que, ao longo de tanto tempo, seguem sendo morada nas alegrias e nos tropeços.

Ao presidente Lula e à presidenta Dilma, por tornarem possível a criação do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pelo Projeto REUNI e por fomentarem a educação brasileira, fazendo da universidade pública – durante seus governos – um lugar que ruma à multiplicidade e à inclusão.

“Afinal de contas, em que língua sou?”

Sylvia Molloy (Viver entre línguas)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo subsidiar o estudo do aspecto fônico na fronteira entre línguas por meio do viés saussuriano, tomando o som como um elemento linguístico. Para isso, são explorados os campos da fonética e da fonologia, assim como a teoria do valor e a noção de escuta. Em razão da importância do efeito sonoro da língua, esse estudo se debruça sobre a face significante do signo linguístico, sendo apresentada uma leitura triádica para essa porção. Por fim, tais conceitos linguísticos são deslocados para o cenário da fronteira entre línguas.

Palavras-chave: fronteira entre línguas; significante; fonologia; valor; Ferdinand de Saussure.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
O SOM: FONÉTICA E FONOLOGIA, PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO	8
ESCUA.....	11
O ASPECTO TRINO DO SIGNIFICANTE.....	13
O FÔNICO NA FRONTEIRA ENTRE LÍNGUAS	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18

INTRODUÇÃO

Por ser uma área que estuda a língua e a linguagem e por estar em relação bastante próxima aos estudos linguísticos, a fonoaudiologia está presente em diferentes contextos. Um desses cenários – no qual há espaço para o fonoaudiólogo dado seu conhecimento linguístico – é o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira e, conseqüentemente, a fronteira entre línguas. O presente trabalho surge da exploração desses cenários pela fonoaudiologia e da intersecção dessa área com a linguística – no caso desse artigo, a saussuriana.

A reflexão que apresentaremos a seguir é fruto da experiência de realização, no ano de 2018, de um laboratório de fonética do espanhol – vinculado ao grupo de pesquisa “O rastro do som em Saussure: sobre o aspecto fônico da língua”¹ – que foi desenvolvido com alunos de graduação em Letras com dificuldade na produção de alguns fonemas da segunda língua (nesse caso, o espanhol). Posto isto, em virtude de atividades que envolviam produção e percepção de sons das línguas materna e estrangeira, foram levantados, por meio da interlocução com o grupo de pesquisa, questionamentos acerca da importância do aspecto fônico nessa fronteira entre línguas e da necessidade de um aprofundamento linguístico sobre o tema.

Dessa maneira, para explorarmos o estatuto do aspecto fônico na apropriação² de língua estrangeira e o olhar linguístico que pode ser direcionado a esse processo, é preciso que façamos uma investigação inicial, de caráter exploratório, sobre o que já existe de produções nesse campo de estudo.

Ao combinar os termos referentes à língua estrangeira (bilinguismo, L2, segunda língua, língua não materna e língua adicional) à palavra “fonoaudiologia”, em uma primeira busca, os principais achados foram estudos envolvendo a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), ou habilidades auditivas – em uma abordagem fisiológica – e desvios fonético-fonológicos, com a utilização de testes comportamentais e cognitivos³. Quando os mesmos termos foram combinados à

¹ Trata-se do grupo de pesquisa “O rastro do som em Saussure: sobre o aspecto fônico da língua”, coordenado pela Profa. Dra. Luiza Milano no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde 2013. No grupo, por meio da leitura de textos linguísticos principalmente da vertente saussuriana, são levantadas reflexões que tangenciam tanto o campo das letras como o da fonoaudiologia.

² O termo apropriação, de acordo com Gomes (2011), quando abordado no contexto de uma língua estrangeira, engloba tanto aspectos da aquisição (processo natural) quanto aspectos da aprendizagem (processo consciente), levando sempre em conta fatores linguísticos e culturais.

³ Alguns exemplos de estudos são os de Araujo et al (2010), de Carvalho, Mancopes e Mota (2015), de Terçariol, Grudtner e Gruel (2015), de Oppitz (2017) e de Welter, Vidor e Cruz (2015).

palavra “linguística”, os achados foram referentes – principalmente – a estudos sociolinguísticos ou a didáticas para a ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras⁴. Percebemos, por essa pesquisa inicial, que há uma brecha para desenvolvermos uma reflexão no âmbito desse tema que seja embasada em aspectos linguísticos.

Temos, como principal objetivo, suscitar uma reflexão linguística de cunho saussuriano no que se refere ao lugar do fônico na fronteira entre línguas, tomando o som como um elemento que possui caráter linguístico e que é indispensável na concepção de língua como sistema, como propõe Saussure (2012). Logo, serão discutidos importantes conceitos desse linguista – signo, significante e valor linguístico – bem como reinterpretações e desdobramentos operados a partir de seu legado – por exemplo, a noção de escuta. Esses conceitos e essas reflexões, que colocam o som como elemento linguístico e em destaque, serão deslocados para a fronteira entre línguas, campo que lida constantemente com o efeito sonoro que as distintas produções fônicas evocam. Ademais, a partir da interpretação que fazemos da abordagem teórico-metodológica do signo linguístico, lançaremos a proposta de uma leitura triádica para o significante, envolvendo seus vieses articulatório, acústico e representacional.

O SOM: FONÉTICA E FONOLOGIA, PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO

Uma vez que os objetivos dessa pesquisa são a exploração e o destaque do aspecto sonoro nas línguas, é relevante que abordemos, como ponto de partida, a base fônica desse sistema⁵, no que tange à fonética e, especialmente, à fonologia⁶. Conforme já destacava o linguista Ferdinand de Saussure (2012), o estudo dos sons deve ser feito por meio dos próprios sons, dando-nos o apoio que buscamos e libertando a linguística da palavra escrita⁷. Assim, descreveremos essas áreas, conferindo relevância ao efeito sonoro como escopo de nossos estudos.

⁴ Como os estudos de Campetela (2014) e de Schneider (2009).

⁵ Saussure (2012) define a língua como “um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (SAUSSURE, 2012, p. 42).

⁶ A fonética e a fonologia ainda não tinham definição precisa na época dos estudos de Saussure. Formalmente, esses conceitos passam a ter a definição que hoje conhecemos a partir dos estudos do Círculo Linguístico de Praga (1926).

⁷ É importante ressaltar que, na época em que Saussure ministrou os cursos de linguística geral – de 1907 a 1911 (SAUSSURE, 2012, p. 14-15) – os estudos linguísticos eram predominantemente ancorados em comparações entre produções escritas.

Pela fonética, há a descrição do ato articulatório, recorrendo-se à cadeia dos movimentos da fonação (SAUSSURE, 2012) e da caracterização acústica de cada som – o que configura um estudo que toma como objeto os ajustes do aparelho vocal e os componentes físicos da onda sonora, e que tem como unidade de análise o fone. A percepção e a abstração – necessárias na concepção do fonema – são deixadas em suspenso no âmbito da fonética, pois são os elementos concretos, que ocupam lugar e que representam tempo na cadeia da fala, que possuem relevância quando tomamos o som por esse viés. Por não ser de nosso interesse principal, nesse artigo, descrever a presença ou a ausência de fatores fisiológicos e/ou articulatórios ou priorizar uma visão naturalística do sistema linguístico, não nos debruçaremos demasiadamente sobre os estudos fonéticos.

Todavia, temos, na fonologia, um ponto de vista funcional, pelo qual os sons são vistos como elementos que integram e que compõem um sistema linguístico determinado – e tal abordagem é determinante para o rumo de nosso trabalho. No *Curso de Linguística Geral*, Saussure (2012) refere-se ao fonema como a “soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia” (SAUSSURE, 2012, p. 77). Tal fator acústico, e a impressão que ele suscita, merecem ser ressaltados; segundo o professor genebrino, é fundamental que o ato da fonação não seja tomado apenas no que corresponde à produção dos sons pelos órgãos em negligência ao lado acústico, porque a impressão produzida no ouvido é a base de toda teoria linguística. Para Milano (2015), em texto que discorre acerca dos aspectos fonéticos e fonológicos presentes no *Curso de Linguística Geral*, o elo entre a realização articulatória e o efeito acústico define a unidade a ser trabalhada pelo linguista. A unidade fônica apresenta duas faces, carregando, simultaneamente, elementos concretos e abstratos, que serão enlaçados pelo ouvido, levando em conta a percepção (MILANO, 2015; MILANO, STAWINSKI, GOMES, 2016). Aqui, já temos uma pista sobre a relevância da escuta na definição da unidade e sobre como outros fatores, além da porção material do som, são indispensáveis na definição de fonema como entidade linguística.

Além disso, podemos entender que o fonema é uma unidade complexa que estabelece vínculo com aquilo que está em presença, em uma relação sintagmática; e com o que está em ausência, em uma relação associativa. Essa característica

promove as diferenças necessárias na definição de valor – o que dará ao signo seu estatuto linguístico. A importância dessas relações e oposições é salientada por Saussure (2012) ao dizer que “a ciência dos sons não adquire valor enquanto dois ou mais elementos não se achem implicados numa relação de dependência interna” (SAUSSURE, 2012, p. 88). Por considerarmos o fonema um elemento que possui valor linguístico, entendemos que a problemática da língua está, justamente, na oposição dos elementos e não nos aspectos articulatórios e fisiológicos (MILANO, 2015).

Contudo, é elementar que percebamos a existência dos fatores fonéticos, tendo em vista que, mesmo que os movimentos fonatórios não constituam em si uma língua, eles são necessários para a produção das impressões passíveis de produzir distinções, o que tornará possível a existência dos fonemas em seu âmbito linguístico (SAUSSURE, 2012). De acordo com Milano, Stawinski e Gomes (2016), mesmo o aparelho fonador não sendo o objeto dos estudos linguísticos, não podemos ignorar que é por meio desse mecanismo que os sons serão produzidos e provocarão efeitos de percepção, passando a ser significantes no sistema em questão.

Para darmos ao fonema esse estatuto, então, é preciso que haja a produção do som (o que traz a concretude, a materialidade fônica, tanto pela produção articulatória quanto pela onda sonora daí resultante), que desencadeará um efeito perceptivo (pelo registro de diferenças fônicas e de significado) para o interlocutor. Não queremos considerar a percepção em detrimento da produção, ou vice-versa; destacamos justamente o contrário: o fonema precisa da produção de um efeito e da percepção deste para que faça parte da língua. Por nossa visão, a língua não se reduz ao som, nem à articulação e nem à pura abstração; todos esses fatores são condição para firmar o estatuto linguístico dos elementos de uma dada língua. Esses fenômenos são complementares um ao outro e são necessários na concepção do fonema e do signo linguístico. É fato que, como salienta Milano (2016), o ato articulatório – a produção – está absolutamente apoiado na impressão acústica – a percepção. Os dois fatores estão lado a lado. Não nos cabe, portanto, afastar as noções de percepção e de produção, mas sim mostrar como esses dois fatores estão ligados intrinsecamente – se considerarmos a ancoragem em uma base teórica linguística.

ESCUITA

Em razão da importância de nos atentarmos de forma mais profunda aos aspectos perceptivos do som – que levarão à sensação de distintividade sonora e, isto posto, ao estabelecimento de valor – explorar a noção de escuta como portadora de papel ativo na linguagem e na comunicação se mostra imprescindível nesse estudo. Optamos por explorar o termo de “escuta”, seguindo alguns autores que já atrelam a função simbólica a esse fator acústico. Os termos “ouvir” ou “audição”, por exemplo, possuem, na maior parte dos trabalhos⁸, uma acepção puramente auditiva, de caráter anátomo-fisiológico – o que não faz parte da ênfase de nosso estudo.

Silveira (2017), em trabalho que revisa a noção de escuta na produção de renomados linguistas, aponta que os conceitos saussurianos salientam a importância da impressão acústica na identificação da unidade, assimilando as diferenças e constituindo o valor. Outrossim, o sujeito falante-ouvinte – e seu papel ativo na escuta – são condição para que a língua funcione em toda a sua complexidade.

De acordo com as interpretações feitas a partir da obra saussuriana, a escuta é responsável por desempenhar uma função essencial no circuito da fala, no qual dois sujeitos falantes-ouvintes estão em relação, conforme se pode ver na figura abaixo:

Figura 1 – Circuito da Fala



Fonte: Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 2012, p. 43).

É importante salientar que, ao considerarmos esse circuito, devemos ter a consciência de que o efeito produzido no sujeito B e o efeito procurado pelo sujeito A – e vice-versa – podem ser discordantes, pois não está sempre ao nosso alcance pronunciar o que desejamos; e o entendimento do que pronunciamos depende da percepção do outro (SAUSSURE, 2012, p. 45). Essa observação será crucial para sustentar, a seguir, a hipótese de uma abordagem trina do significante do signo linguístico.

⁸ Como exemplo, os estudos de Santos et al (2011) e de Murakami et al (2001).

Quanto ao valor em relação à escuta, ele é definido pelas relações, pelas oposições e pelas diferenças percebidas pelo ouvinte, que as assimilará ou não (STAWINSKI, 2016). A constituição do signo só acontecerá se certas condições ocorrerem, como sua situação relativa aos outros signos e todas as circunstâncias que os distinguem. É válido ressaltar que essas condições não são puramente abstratas, dado que o mecanismo da língua só será concebido dentro da realização material do som (SAUSSURE, 2012) – que envolve a produção e a percepção. A escuta aparece como elemento fundamental para ter a sensação acústica dessas circunstâncias, dar valor às formações linguísticas e permitir que os falantes comunguem na língua. Sendo assim, a escuta é primordial para que o valor seja constituído.

E, para a definição de unidade, essa noção de valor é indispensável. Saussure (2012) diz que “a entidade linguística não está completamente determinada enquanto não esteja delimitada, separada de tudo o que a rodeia na cadeia fônica. São essas entidades delimitadas ou unidades que se opõem no mecanismo da língua” (SAUSSURE, 2012, p.148). Percebemos que as relações e as oposições para essa determinação são primordiais. Da mesma forma, enxergamos a influência da escuta nesse processo. A cadeia fônica possui caráter linear; ela é uma tira contínua. Por conseguinte, o ouvido – no seu viés fisiológico – não percebe as divisões, e não consegue realizar a separação das unidades. Somente pela constatação dos elementos que formam a articulação da fala não seria possível realizar esse recorte – que é necessário para o entendimento da língua. Contudo, quando o valor atribuído a cada parte é colocado em evidência, essas unidades se desprendem. Como visto acima, pelo valor – do ponto de vista da porção significativa ser dependente da sensação acústica – entendemos que o recorte da unidade também depende da escuta. Saussure (2012) define a unidade como “uma porção de sonoridade que, com exclusão do que precede e do que segue na cadeia falada, é significativa de algum conceito” (SAUSSURE, 2012, p.148). Torna-se impossível distinguir os elementos da língua sem que eles perpassem a sensação acústica, sem que eles perpassem a escuta.

Para ilustrar a particularidade da escuta na fronteira entre línguas, propomos um exercício de análise: por exemplo, na onomatopeia de latido, o português a recorta como “auau”; o francês como “ouaoua”; já o alemão como “wauwau”; e o inglês como “woof-woof”. Tendo em vista essa variação entre as línguas, vemos que é pela escuta

que o falante-ouvinte pode perceber as unidades que compõem a sua língua, dar valor a elas e as recortar de acordo com as particularidades do comportamento fônico de seu sistema (STAWINSKI, 2016).

Ao tangenciarmos essa noção ao campo da língua estrangeira, ou da fronteira entre línguas, constatamos que ela é imprescindível para a identificação dos sons como componentes de um sistema. Segundo Milano, Stawinski e Gomes (2016), a escuta torna-se um fator predominante, já que é pelo ouvido que temos a possibilidade de produção (identificando o som e tentando pronunciá-lo) e a acomodação simbólica de cada sistema.

O ASPECTO TRINO DO SIGNIFICANTE

Para continuarmos a desenvolver a presente reflexão linguística no que tange ao lugar do fônico na fronteira entre línguas, é pertinente que pensemos nos grandes conceitos de Saussure, tendo maior foco no significante. Essa porção do signo linguístico ganha destaque nesse trabalho justamente porque é pelo viés dela que iremos evidenciar o fônico e os diferentes aspectos que o compõem.

Quanto ao signo linguístico, Saussure (2012) propõe concebê-lo como uma entidade psíquica de duas faces: significado e significante. Ao fazer referência ao significante, o linguista diz que ele não se define pelo puro som material, mas pela representação que esse som suscita enquanto fato de língua virtual, como uma impressão mental⁹. Este caráter aparece, por exemplo, quando, sem utilizar o som físico, criamos sentenças linguísticas. A materialidade¹⁰ é sim necessária, pois precisamos dela para a expressão de qualquer sistema semiótico. Porém, quando se trata de um sistema linguístico, tal materialidade já está sempre atrelada a uma função simbólica.

Primeiramente nomeado como imagem acústica, o significante, então, engloba fenômenos psíquicos, fisiológicos e físicos. Saussure (2012) nos traz, em uma nota de rodapé no *Curso de Linguística Geral*, uma citação que parece evidenciar esses diferentes elementos presentes: “Ao lado da **representação** dos sons de uma palavra,

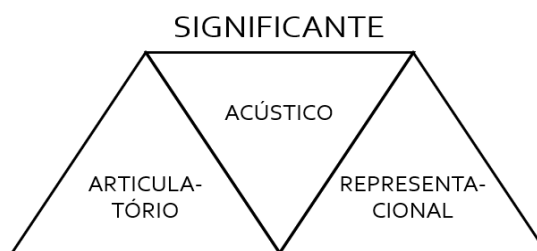
⁹ No contexto do *Curso de linguística geral* (SAUSSURE, 2012), tomamos psíquico e mental como sinônimos.

¹⁰ É importante frisar que se pode, aqui, considerar qualquer tipo de materialidade. No caso desse trabalho, estamos pensando no efeito sonoro; contudo, essa reflexão pode ser tangenciada para o campo das línguas visuoespaciais (como as línguas de sinais) e para a linguagem escrita, por exemplo.

existe também a de sua **articulação**, a imagem muscular do ato **fonatório**.” (SAUSSURE, 2012, p.106).

Dessarte, como o significante comporta esses três aspectos de naturezas diferentes e que são essenciais em sua constituição como um elemento linguístico, pensamos que ele pode ser visto a partir de três vieses: o articulatório, o acústico e o representacional. É o que nomeamos de aspecto trino do significante, e que pode ser visualizado na ilustração a seguir:

Figura 2 – O aspecto trino do significante



No esquema proposto acima, o aspecto articulatório está ligado à produção do som e é essencial para a existência de uma possível representação; ele está a serviço do ponto de vista semiótico. O acústico está na dependência do efeito que esse som provoca, está na escuta. Por ele, determinado som pode ser detectado e associado a uma representação. E o aspecto representacional é a abstração da produção e da percepção sonoras, que permite seu laço arbitrário junto ao significado e sustenta a própria noção de valor saussuriano e, conseqüentemente, o estatuto linguístico do significante; eis o fato semiótico por excelência.

Nessa análise, percebemos que é na materialidade que a representação se ancora; mas é igualmente necessário que haja um laço entre significante e significado – aspecto mental –, porque a pura porção fônica não sustenta significação. Ou seja, se considerássemos apenas os aspectos articulatório e acústico, restaria uma massa indistinta de sons. E, se considerássemos apenas a parte psíquica, restaria apenas a abstração. Dessa forma, acreditamos não ser útil a prática de trabalhar somente com um dos aspectos constituintes do significante. Em síntese, o significante depende do som em relação à materialidade (articulatória e acústica), mas isso não garante seu estatuto linguístico. É necessário que ele seja visto ao mesmo tempo pelo viés representacional, para que seu laço com o significado seja realizado e tenhamos, assim, o signo linguístico.

Nossas reflexões acerca do aspecto trino do significante giram em torno da materialidade e da representabilidade do significante sob o olhar da teoria do valor. De acordo com Saussure (2012), é nas relações de oposição e de diferença entre signos, na presença e na ausência simultâneas, que o valor será constituído. Os signos existentes evocam física e fisiologicamente essas diferenças, o que poderá gerar a oposição de valores e dar ao signo seu estatuto linguístico. Por essa evocação material, serão enlaçados aspectos diferenciais articulatórios, que desencadearão uma percepção acústica fundamental na delimitação da unidade e que suscitará os aspectos diferenciais representacionais para que o lado do significante e do significado possam formar um elo e constituir valor, que é condição de existência do signo linguístico.

Nessa proposta, buscamos significar o aspecto sonoro da língua como valor dentro desse sistema de relações. Reconhecemos que, ao lado de sua tríade, existem outras características intrínsecas ao significante: o arbitrário; a produção de diferenças, ancorada na teoria do valor; e o fato de que as variações da materialidade não afetam o sistema – as formas fisiológica e acústica em si, na qual o som se apresenta, não necessariamente afeta a língua. O sistema é afetado apenas quando essa mudança física no som acarreta, do mesmo modo, um deslocamento na percepção e na representação, além de repercutir no laço entre o significante e o significado.

Isto posto, o olhar linguístico torna-se um meio de perceber o fenômeno vocal como signo, o som como elemento linguístico, a partir de uma abordagem trina do significante. Por Stawinski (2019), temos a diferenciação do som como tal e do som como signo¹¹; sendo o primeiro referente à materialidade sonora e o segundo ao estatuto linguístico, cuja existência depende da relação entre significante e significado. Sendo assim, a figura vocal (como tal) é colocada em oposição à relação forma-sentido, que existe na língua. O que importa – pelo ponto de vista linguístico e, dessa maneira, para nosso trabalho – é a potência de significar que essa materialidade pode carregar. Não opomos forma e sentido, som e ideia; a dupla essência da linguagem

¹¹ Houve certa oscilação na escolha terminológica da porção significante por Saussure. Por vezes, o linguista refere-se ao significante pelo termo “signo”; assim como por “imagem acústica”. Tais oscilações podem ser vistas tanto no *Curso de Linguística Geral*, quanto nos *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2002). No caso específico dessa passagem, Saussure usa “signo” para se referir ao significante.

está entre o fenômeno vocal como tal, fora do signo, e do fenômeno vocal como passível de se tornar um signo (STAWINSKI, 2019).

Portanto, podemos apresentar uma reflexão linguística que considera, pelo aspecto fônico da língua, que a porção material possui a função primordial de produzir diferenças e que elas, à luz da teoria do valor, têm papel fundamental na apropriação de uma língua pelo sujeito, pois o situa dentro desse sistema.

O FÔNICO NA FRONTEIRA ENTRE LÍNGUAS

Com base no levantamento e na exploração desses importantes campos e conceitos da linguística, podemos pensar na relevância do estudo do fônico no contexto de fronteira entre línguas.

Primeiramente, em relação à fonética e à fonologia, nos parece interessante propor que, nesse ambiente, no qual um sujeito está se apropriando de uma nova língua, haja uma leitura e uma abordagem fonético-fonológica, tendo em vista a realização do elo entre som e sentido. É comum que, nesse cenário, ocorra a tentativa de ensinamento da fonética das línguas, com ênfase na articulação precisa e isolada dos sons. Todavia, queremos propor que o quadro fonético de uma nova língua – que é a materialidade essencial para a existência do sistema – seja uma construção feita paulatinamente pelo próprio sujeito, vinculando sentido e distintividade às suas produções. Dessa forma, vemos como pouco útil a prática de pontuar onde e como os órgãos fonatórios devem obrigatoriamente estar, pois a articulação “correta” não é o fator essencial da língua; mas sim as diferenças capazes de serem percebidas a partir da articulação. Seguindo essa abordagem, o processo de apropriação passa a ser ancorado em uma teoria linguística e a ter mais espaço para se considerar a singularidade com que ele ocorre em cada sujeito. Por exemplo, no caso em que, por impedimentos físicos, o sujeito não consegue realizar determinado fone, não é necessário que seja forçada uma articulação exata em um fonema-alvo. Nesse caso, podemos auxiliar na percepção da distintividade da possibilidade articulatória que o próprio falante possui em relação aos outros fonemas da língua.

Quanto à escuta, ela se torna um fator substancial se pensarmos na fronteira entre línguas pelo viés linguístico. É pela escuta que o sujeito poderá identificar os sons, realizar o recorte das unidades e tentar pronunciá-las, acomodando simbolicamente esses elementos do e no sistema. Ele poderá se ouvir e ouvir o outro,

experimentando novas percepções e produções, fazendo deslocamentos e constituindo seu lugar na nova língua. Sendo assim, é imprescindível que o profissional que trabalha no campo da fronteira entre línguas escute e torne possível a escuta do sujeito em processo de apropriação de uma língua estrangeira.

E por fim, no tocante ao aspecto trino do significante, vemos tal deslocamento teórico como um auxílio linguístico deveras importante na atuação na fronteira entre línguas. Ao fazermos essa leitura, podemos evidenciar os três aspectos do significante – articulatório, acústico e representacional – na apropriação da língua estrangeira. Por exemplo, quando o sujeito produz algum som da nova língua, consegue percebê-lo e colocá-lo em contraste com os outros sons e, assim, trazer à tona sua função simbólica. Com esses três vieses, temos a possibilidade de trabalhar de diferentes formas para suscitar as experiências e as reflexões necessárias a respeito do efeito sonoro de uma dada língua. O aspecto trino nos traz, então, alternativas para lidar com o fônico da língua, uma vez que só em seu interior, temos três aspectos que compõem o som e que são necessários – juntos – para que ele tenha seu estatuto linguístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que as reflexões e os conceitos linguísticos apresentados acima são de grande importância para que possamos pensar sobre o lugar do fônico na fronteira entre línguas. Os temas dissertados nos dão uma base linguística sólida e, também, uma certa liberdade para que possamos realizar o deslocamento teórico necessário para propor o aspecto trino do significante. A fronteira entre línguas se vê, pois, com um aporte em relação ao efeito sonoro, que é fator de grande relevância na apropriação de uma nova língua – principalmente quando os fatores diferenciais, representacionais e de valor estão atrelados a ela.

Levando-se em conta a relação da fonologia com essas temáticas, o cenário da fronteira entre línguas se vê como um possível campo de atuação e de estudos fonoaudiológicos. Pelo fonoaudiólogo ser um profissional que está constantemente em contato com o efeito sonoro da língua, é importante que reflexões linguísticas sejam feitas nesse âmbito, proporcionando um deslocamento teórico que possa dar respaldo a uma possível atuação nesse ambiente; atuação essa que contemple os

diferentes aspectos que compõem o fônico e não se restrinja a exercícios que desvinculem a função simbólica – semântica, portanto – dos sons na língua.

Nossos estudos seguem no propósito de conferir esse subsídio linguístico aos estudos fonoaudiológicos, visando às contribuições teóricas que podem ser feitas a partir da intersecção entre essas áreas. Dessa maneira, pensamos ser importante continuar o aprofundamento linguístico das questões que giram em torno da proposta do aspecto trino do significante – lançada, em um primeiro momento, nesse artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Letícia Maria Martins et al. Ensino da Língua Inglesa: contribuições da fonética, fonologia e do processamento auditivo. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri, v. 22, n. 3, p.183-188, set. 2010.

CAMPETELA, Cilene. Proposta de material didático para ensino e aprendizagem do Português como segunda língua em escolas indígenas. **Letras Escreve**, Macapá, v. 4, n. 1, p. 107-127, jul. 2014.

CARVALHO, Beatriz dos Santos; MANCOPE, Renata; MOTA, Helena Bolli. Discriminação fonêmica na aquisição de segunda língua em adulto - estudo de caso. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 628-634, abr. 2015.

GOMES, Janaína Nazzari. *O enunciador em língua estrangeira: uma constituição possível? UFRGS, 2011. 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.*

MILANO, Luiza. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. **Eutomia**, Recife, v. 16, n. 1, p. 245-258, dez. 2015.

_____. O Que Cabe em um Signo Linguístico: O Caso do Fonema. **Eutomia**, Recife, v. 17, n. 1, p. 67-78, jul. 2016.

MILANO, Luiza; STAWINSKI, Aline; GOMES, Janaína. Por uma noção de escuta a partir do legado saussuriano. **Eutomia**, Recife, v. 17, n. 1, p. 92-104, jul. 2016.

MURAKAMI, Gisele Aparecida de Oliveira et al. Expectativas prévias ao implante coclear e avaliação pós implante em adolescentes. **Estud. psicol.**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 05-16, aug. 2001.

OPPITZ, Sheila Jacques et al. Resolução temporal e potenciais corticais em diferentes níveis de proficiência da língua inglesa. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v.19, n.1, p. 27-40, fev. 2017.

SANTOS, Elisandra dos et al. Study of hearing in children with visual deficiency. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 460-471, jun. 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. 28. Ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. Escritos de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 2002.

SCHNEIDER, Maria Nilse. Variação e discriminação linguística no ensino e aprendizagem de línguas em comunidades bilíngues. **Calidoscópico**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 79-85, 1 abr. 2009.

SILVEIRA, Mélangy Dias da. *O lugar da escuta na clínica de linguagem: contribuições linguísticas*. UFRGS, 2017. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

STAWINSKI, Aline Vargas. O “som” como *figura vocal* e o “som” como *signo*: considerações a partir da *dupla essência da linguagem*. **Leitura**, Maceió, v. 1, n.61, p. 69-85, jan./jun. 2019.

_____. *O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta Saussuriana*. UFRGS, 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado em Análises textuais, discursivas e enunciativas) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

TERÇARIOL, Denise; GRUDTNER, Andrea Cristina Rizzotto; GREUEL, Izabel Cristina. O ensino da língua portuguesa para estrangeiros no município de Blumenau – SC e sua interface com a fonoaudiologia. **Rev. CEFAC.**, São Paulo, v. 17, n. 6, p. 1965-1975, dez. 2015.

WELTER, Gabriela; VIDOR, Deisi Cristina Gollo Marques; CRUZ, Carina Rebello. Interventions and Methodologies Used in Teaching Reading and Writing to Deaf Individuals: a Literature Review. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 21, n. 3, p. 459-470, sept. 2015.